

# 2

## EM CAMPO

O capítulo anterior apresentou minhas principais estratégias teóricas. Este apresenta sucintamente os contextos de pesquisa de campo, os principais interlocutores e meu engajamento com os cenários e atores sociais que informaram as escolhas teórico-metodológicas e apoiaram os projetos mencionados na seção anterior e este livro como um todo.

Em todos os cenários de pesquisa, interagi com todas as faixas etárias. No entanto, a natureza de cada cenário de trabalho de campo inevitavelmente me levou a interagir e ser mais confortavelmente acolhido por diferentes grupos sociais. Enquanto no Líbano, Dinamarca e Áustria interagi sobretudo com indivíduos entre vinte e cinquenta anos, durante meu trabalho de campo no Brasil e na Palestina interagi predominantemente com indivíduos acima de 40 anos, incluindo muitos idosos considerados vulneráveis pelo reassentamento. Sobretudo no Líbano, interagi com muitos indivíduos com menos de dezoito anos, embora, de início, não fossem meus interlocutores oficiais de pesquisa. Isso porque estava residindo em campos com um número muito elevado de crianças. Além disso, em Al-Jalil, trabalhei como voluntário ensinando inglês na mesquita local e nas escolas da UNRWA, e para uma organização de base local que atendia às necessidades das crianças do campo.

Em termos de gênero, no Líbano, Dinamarca, Brasil e Palestina, interagi predominantemente com homens, embora também tenha interagido de forma significativa com mulheres em todos esses cenários de pesquisa, sobretudo no Líbano. Como regra geral, quanto mais velhas as mulheres, mais fácil o acesso que tive para interagir com elas. Especialmente no Líbano, passei um tempo considerável com mulheres acima de cinquenta ou sessenta anos, cujas histórias eu ouvia por horas a fio, sozinho ou acompanhado de seus maridos e/ou familiares. Essas mulheres em via de regra não tinham vergonha de compartilhar suas histórias, muitas vezes falando significativamente mais do que seus maridos. Na Áustria, no entanto, enquanto eu interagia sobretudo com homens mais jovens para meus projetos AUSPAL e AUSARAB, para LODA, devido à natureza da metodologia de amostragem “bola de neve”, acabei interagindo mais mulheres do que homens, sendo um número significativo delas particularmente de origem drusa (sendo também muitas delas artistas).

### **CAMPOS DE REFUGIADOS PALESTINOS NO LÍBANO**

Minha contínua pesquisa sobre campos de refugiados palestinos no Líbano segue a informar minha produção acadêmica sobre processos de pertencimento social e organização social entre migrantes forçados árabes em todo o mundo. Esta pesquisa começou com meu projeto de doutorado, mas tem um caráter ininterrupto, vindo a contribuir sucessivamente para meu trabalho desde então.

Entre 2006 e 2009, visitei quase todos os campos de refugiados palestinos no Líbano, alguns deles repetidamente. Por cerca de 24 meses (primeiro por 12 meses, depois duas vezes novamente por cerca de 6

meses mais), vivi em Al-Jalil e Dbayeh, ou nas proximidades imediatas de cada um desses campos, ou entre refugiados de Al-Jalil e outros campos em Beirute. Durante este trabalho de campo, aprendi muito sobre as especificidades de Al-Jalil e Dbayeh quando comparadas às de outros campos, como também sobre como os refugiados palestinos circulavam dentro e fora dos espaços dos campos, e como eles interagem com os entornos libaneses. Nesse período, passei quase todo o meu tempo entre refugiados palestinos, desde o início ao fim do dia, raramente interagindo com outras pessoas sem a presença de palestinos, e raramente mesmo participando de atividades acadêmicas. Enquanto minha dissertação se concentrou na ritualização da vida cotidiana e em como a religiosidade afetou processos de pertencimento social altamente interseccionais, minha observação e participação durante esta fase de trabalho de campo não se limitaram a esses tópicos, que na verdade só foram plenamente desenvolvidos com o início da escrita da tese, primeiro desde os EUA e depois desde a Áustria.

O campo de Al-Jalil foi criado em 1948, e em 1952 a UNRWA (*United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East*) assumiu a gestão do campo. Ele está localizado no Vale do Beqaa, em frente a Baalbek, que na época do meu trabalho de campo era um dos redutos mais importantes do Hezbollah. Quase 8.000 pessoas estão registradas como residentes do campo, mas cerca de 50% delas residiam em outros lugares, a maioria delas na própria Baalbek, nas proximidades do campo. No entanto, um número significativo desses residentes registrados vivia na Escandinávia, onde muitos tomaram cidadania local. Oficialmente, todos os residentes do campo são muçulmanos sunitas, embora, na prática, muitos dos palestinos tenham

afinidade sociopolítica e afetiva com o islamismo xiita dos arredores do campo, podendo considerar-se que muitos adotaram subrepticamente pelo menos algumas de suas práticas. Um dos principais fatores de aproximação é a profunda simpatia pelo Hezbollah, grupo visto por muitos como um farol para o que consideram a causa palestina, mesmo (ou sobretudo) quando comparado à própria Autoridade Palestina. Em Al-Jalil, a experiência do exílio forçado tem uma dimensão coletiva marcada pela hiperexpressão (penetrante e muito frequente) da palestinidade, transformando o estigma de ser palestino em causa nacional, com conotações políticas, sociais, religiosas e étnicas. Os marcadores palestinos do tempo, do passado ao futuro, influenciam muito a dinâmica do pertencimento social e se articulam simbolicamente com *šumūd*<sup>1</sup>, alimentando expressões ritualizadas de identidade centradas na palestinidade.

O campo foi originalmente um quartel francês e inteiramente feito de concreto, sem árvores ou vegetação. Prédios de concreto sem espaço entre si formavam as paredes ao redor do campo, na forma de um retângulo. O campo possuía uma saída principal voltada para a rodovia Beirute-Baalbek e duas saídas menores, uma na parte de trás e outra na lateral do campo. No centro, havia prédios mais altos, cercados por uma rua asfaltada, larga o suficiente para um carro nos pontos mais estreitos. Becos estreitos rasgam o campo. As ruas estavam sempre cheias de crianças brincando, adultos cuidando de seus negócios e idosos sentados em cadeiras, conversando por horas a fio. Tanto homens quanto mulheres circulavam igualmente, embora tendessem a

---

<sup>1</sup> Por agora, basta entender que este termo se traduz ao mesmo tempo como uma forma de resistência incorporada (não necessariamente belicosa) e perseverança. Em um dos capítulos deste livro, discuto o significado desse termo em profundidade.

formar grupos do mesmo sexo ou família. Havia lojas, escritórios políticos, escritórios de ONGs e associações de base, uma mesquita e uma escola administrada pela UNWRA. A entrada principal servia como posto de controle, guardado por facções políticas palestinas em serviço alternado. Um quartel-general da UNRWA estava localizado ao lado deste posto de controle.

À época da minha pesquisa de campo inicial (2006-2010), Dbayeh foi o último campo de refugiados palestinos cristãos remanescentes no mundo e estava localizado no Monte Líbano – uma área quase exclusivamente cristã e dominada por partidos políticos cristãos que se opunham ao Hezbollah. Antes do influxo de refugiados sírios a partir de 2011, a principal diferença demográfica de Dbayeh com outros campos de refugiados no Líbano era que apenas 0,78% do campo era muçulmano, enquanto todos os outros habitantes eram cristãos de várias denominações (59,9% católicos, 29,17% maronitas, 8,59% ortodoxos, 0,78% latinos, 0,52% evangélicos e 0,26% Testemunhas de Jeová) (World Vision, 2007). De acordo com a UNRWA (2010), na época do meu trabalho de campo, havia 4.211 indivíduos de 67 famílias registrados como refugiados da Palestina, vivendo em algumas das 464 casas do campo (World Vision, 2007). O número real de refugiados que vivia no campo era, porém, muito menor, e muitas das casas listadas pelo número da *World Vision* acima foram ocupadas por libaneses.

Dbayeh ficava no topo de uma colina, a apenas 12 km a nordeste de Beirute. Era distinto de seus arredores apenas na medida em que seus prédios eram muito menores e bem agrupados, formando um retângulo com seus lados mais longos voltados para o mar. Havia concreto como em Al-Jalil, mas também havia árvores. Havia cinco ruas principais em

Dbayeh, dispostas horizontalmente da perspectiva de alguém subindo a colina, e não havia rua principal ou local servindo como ponto de encontro público. Embora Dbayeh não parecesse tão distinto de seus arredores quanto Al-Jalil, seus residentes palestinos estavam isolados de outros palestinos muito mais do que em outros campos. Todas as lojas de Dbayeh defrontavam para uma ou outra das cinco ruas principais. Havia duas confeitarias, um açougue, uma loja de sanduíches/*arguile*<sup>2</sup>, quatro ou cinco mercados de alimentos, dois mercados gerais, uma sapataria, uma barbearia, um café e algumas outras lojas menores. Ao contrário de Al-Jalil, não havia *tanzimāt* (organizações políticas) palestinas no campo. Mas havia pichações em todas as paredes das casas ao redor do campo, e especialmente perto de suas fronteiras, onde se conectava com os arredores libaneses, que marcavam o domínio territorial das Forças Libanesas (L.F.). Estas pichações expressaram preferências políticas em termos libaneses, e virtualmente nunca em termos palestinos.

Muitos dos libaneses que viviam em Dbayeh vieram durante a guerra civil por vários motivos: houve aqueles que foram buscar proteção; aqueles que foram com as milícias da Falange (grupo radical da direita cristã libanesa) tomar o acampamento e permaneceram até o momento do meu trabalho de campo; e aqueles que foram depois que o campo foi em grande parte evacuado em 1991, após o bombardeio do Exército libanês (sua motivação sendo que, desde que o campo foi alugado aos palestinos pela UNRWA, ninguém que vive dentro de suas fronteiras teve que pagar aluguel). Além disso, muitos libaneses em Dbayeh eram, na verdade, de origem (*ašl*) palestina, mas cidadania

---

<sup>2</sup> *Narguilé; shisha; hooka; cachimbo d'água.*

libanesa (*jensiyya Lubnāniyya*), mas que aparecem no relatório da Visão Mundial simplesmente como palestinos. Apesar da proximidade de devastadoras guerras passadas, as relações entre refugiados palestinos não libaneses, libaneses de origem palestina (*muwaṭīnyin*) e libaneses que vivem em Dbayeh não eram muito tensas, pelo menos na superfície. Em primeiro lugar, as relações entre palestinos não *muwaṭīnyin* e os *muwaṭīnyin* eram muito boas e dependiam da afinidade individual e grupal, mesmo que a divisão esteja sempre implícita em seu relacionamento. Havia também um sentimento de inferioridade que permeava os palestinos não *muwaṭīnyin* em Dbayeh, que não era tão significativo para os palestinos que viviam em outros campos, como em Al-Jalil. Os palestinos *muwaṭīnyin* em Dbayeh tendiam a sentir que tinham a vantagem, e às vezes preferiam expressar sua “libanesidade” em vez de sua palestinidade, mesmo entre outros palestinos. No entanto, os palestinos cristãos em Dbayeh ainda eram vistos por muitos nos arredores do campo, dominados por cristãos libaneses, como uma ameaça ou uma presença desagradável e indesejada que deve ser evitada e, de preferência, eliminada.

Ao contrário de Al-Jalil, onde a autoridade sobre o campo era fortemente disputada pelo responsável nomeado para o escritório local da UNRWA, pelos muitos movimentos sociais, líderes tradicionais e, em menor grau, ONGs ou presidentes de associações, Dbayeh parecia ter uma regra muito firme. Os mesmos palestinos que reclamariam do trabalho de caridade em Dbayeh também reclamaram que o gerente do escritório local da UNRWA era um muçulmano não residente em Dbayeh – contrariando a estipulação da organização de que o gerente de um campo deveria ser sempre um refugiado daquele campo. Mas a

instituição responsável na prática por Dbayeh não era a UNRWA. Pelo menos de acordo com muitos palestinos daquele campo, e assim me pareceu, de acordo com minha própria experiência, esta instituição era, de fato, o *Caritas Lebanon Migration Center*.

No campo, as ruas estavam cheias de pessoas de todas as idades que se misturavam. No entanto, ao contrário de outros campos de refugiados, nunca houve manifestações, comícios, greves ou quaisquer outras manifestações públicas de massa organizadas de pertencimento político em Dbayeh que fossem definidas por etnicidade ou pela ordem nacional das coisas. Para além de festas privadas de casamento, aniversários e funerais, quase não havia cerimônias e celebrações públicas; as poucas que existiam ocorreram no interior das duas igrejas.

Depois de 2009, voltei regularmente ao Líbano para mais trabalho de campo entre refugiados palestinos, totalizando cerca de 11 meses de pesquisa *in situ* até 2020, além de acompanhar regularmente meus interlocutores refugiados por e-mail, telefone e videochamadas. Enquanto mudei do tópico de pesquisa depois da minha defesa de tese de doutorado, continuei a estudar o local do trabalho de campo em relação aos outros tópicos que apresentei na introdução desse livro, além de outros. Dentre estes outros temas, por exemplo, há o Líbano como contexto para diversas formas de migração forçada, legalmente reconhecida como tal ou não. Além de visitar Al-Jalil e Dbayeh e manter contato com refugiados desses campos, tenho retornado regularmente a Shatila, visitei outros campos e realizei observação participante entre refugiados palestinos e sobre a política libanesa em geral. Além disso, durante quatro meses (três em 2015 e um em 2019), realizei uma série de entrevistas com os principais interlocutores da AUSPAL e AUSARAB

(ver capítulo anterior), e acompanhei a situação dos refugiados do conflito sírio, incluindo, mas não limitado àqueles de origem palestina, muitos dos quais residindo em ou ao redor de campos de refugiados palestinos (sobretudo Al-Jalil). Por fim, entre 2011 e 2019, realizei observação participante entre refugiados do conflito sírio em Beirute e no Vale do Beqaa. Isso foi feito por meio de cerca de seis meses de observação participante intermitente e entrevistas abertas com esses refugiados e seus anfitriões palestinos, que se sobrepuseram parcialmente à pesquisa de outros tópicos no Líbano. Durante toda a pesquisa de campo, utilizei o árabe na maior parte do tempo, utilizando o inglês ocasionalmente, quando meus interlocutores conheciam o idioma.

## **DINAMARCA**

Espaços sociais altamente estruturados, como os descritos acima em relação aos campos de refugiados palestinos no Líbano e a Al-Jalil e Dbayeh, em particular, não existiram da mesma forma nos outros contextos de trabalho de campo que informam este livro, talvez com exceção da minha situação de trabalho de campo em Arus, Dinamarca. Muitos dos meus interlocutores ali vieram de Al-Jalil, enquanto uma família veio de Dbayeh. Ao contrário do que aconteceu com meus interlocutores palestinos no Líbano ou no Brasil, esses palestinos se mudaram para a Dinamarca por vontade e esforço próprios. No entanto, apesar de sua cidadania dinamarquesa, eles estavam impedidos de trazer a família para a Dinamarca, devido às leis de migração dinamarquesas cada vez mais restritivas. A maioria dos palestinos em Arus vivia em um empreendimento do governo chamado

Gellerupparken (ou simplesmente Gellerup, como os habitantes chamavam o local), então o maior desenvolvimento urbano dinamarquês, composto por quase 90% de imigrantes muçulmanos e seus descendentes, embora eu também tenha encontrado lá alguns sujeitos de origem étnica dinamarquesa, alguns cubanos, uma família sul-coreana, entre outros. A comunidade muçulmana era composta em grande parte por palestinos que se mudaram para lá especialmente na década de 1980, sírios, bem como curdos de diferentes países (notadamente o Iraque) e somalis, ao lado de um pequeno número de outros grupos, como indonésios ou iemenitas. A maioria dos palestinos adquiriu a cidadania dinamarquesa (agora quase inobtenível) nas décadas de 1980 ou 1990.

Em torno dos edifícios residenciais de Gellerup, o empreendimento contou com creches, bibliotecas, centros recreativos, instalações esportivas, piscina comunitária, centro de saúde e uma série de outras comodidades. O edifício mais conhecido da área era o Bazar Vest (Bazar Oeste – tendo este nome por se localizar no oeste da cidade), onde trabalhava a maioria dos habitantes, e que constituía o centro social e cultural de Gellerupparken, conhecido na Dinamarca como *Vilde Vest* em alusão ao Bazar como um *Wild West* dinamarquês, justamente pela presença de imigrantes muçulmanos. O Bazar Vest fornecia grande parte da demanda de produtos da comunidade, trabalho e vida comunitária, ao passo que duas mesquitas serviam como centros religiosos. Enquanto as autoridades dinamarquesas, e especialmente a cidade de Arus, tentavam melhorar suas vidas, em 2011, iniciaram o processo de desmantelamento do que consideravam um gueto perigoso de forma a promover “integração”.

Integração, nesse contexto, significava interferir diretamente na vida da comunidade, por exemplo, enviando as crianças muçulmanas locais para escolas em diferentes bairros e fechando a piscina da comunidade devido à forma como as mulheres muçulmanas a utilizavam. O plano era que, na medida em que as mudanças iriam se infiltrando, toda a área de Gellerupparken seria paulatinamente gentrificada e transformada em uma área mais mista, o que afastaria muitos dos habitantes muçulmanos devido ao aumento dos preços e à contenção de sua dinâmica de socialização. Além disso, as famílias cujos filhos estavam envolvidos em crimes (qualquer que seja o crime), perderiam seus contratos de locação. A comunidade muçulmana tinha então reclamado insistentemente que não possuía agência suficiente e que essas decisões foram impostas de cima para baixo.

Realizei trabalho de campo etnográfico (observação participante e entrevistas abertas não estruturadas) entre muçulmanos e dinamarqueses neste contexto etnográfico durante seis meses (de julho a dezembro de 2013). Durante esse período, morei a uma curta distância de Gellerupparken, em um apartamento que aluguei de um morador curdo do referido conjunto urbano. Como muito do que aconteceu em Gellerupparken, todo o negócio do apartamento foi acertado por baixo dos panos, dentro do Bazar Vest –, desde a promessa do dono de uma loja que, para encontrar alguém que estivesse disposto a alugar um apartamento, até as mãos trêmulas que formalizaram o acordo informal de aluguel, a recepção das chaves, e o pagamento mensal de aluguel. Durante meu trabalho de campo, portanto, passei a maior parte do meu dia dentro do Bazar Vest, onde conheci os moradores locais e os acompanhei em suas rotinas. Também realizei muitas entrevistas

abertas no próprio Bazar, com donos de lojas e clientes frequentes, a administração do Bazar e representantes da assistência social dinamarquesa, como um psiquiatra local responsável pela pequena clínica governamental localizada dentro do próprio Bazar. Também realizei entrevistas com as autoridades das mesquitas, políticos, representantes da prefeitura, a polícia local e associações de moradores locais (como uma associação de moradores local e um centro de reabilitação para jovens ex-presidiários dirigido por um ex-presidiário). Além disso, também realizei trabalho de campo etnográfico entre os residentes dinamarqueses de Arus e entre outras comunidades de migrantes não muçulmanos para entender como os residentes muçulmanos de Gellerup e seus arredores interagiam. Utilizei o idioma árabe para interagir com os árabes e o inglês para interagir com os dinamarqueses.

## **BRASIL**

Como nos outros casos, meu trabalho de campo etnográfico foi composto, sobretudo, por observação participante e, secundariamente, por entrevistas não estruturadas abertas. Este trabalho enfocou o plano de reassentamento de um grupo de originalmente 114<sup>3</sup> refugiados palestinos que fugiram do Iraque após a queda de Saddam Hussein, o que se caracterizou, entre outras coisas, por ser multilocalizado, em ambientes de trabalho de campo muito menos estruturados do que aqueles que encontrei no Líbano e na Dinamarca. Este também foi o caso do meu trabalho de campo na Palestina e na Áustria. No Brasil, meus interlocutores de pesquisa também incluíram atores sociais não

---

<sup>3</sup> Teriam sido originalmente 117, mas três nunca chegaram ao Brasil.

refugiados envolvidos no processo de reassentamento. Os próprios refugiados eram um grupo diverso, que não formava uma comunidade antes de sua fuga do Iraque. Algumas famílias se conheciam, mas, em geral, o grupo vivia disperso em diferentes partes do Iraque e tinha origens sociais e econômicas diversas. A maioria deles chegou ao Brasil vindo desde o campo de refugiados de Rwayshed, na Jordânia, onde se encontrou pela primeira vez. Mas também havia algumas famílias que não vinham deste campo e, em vez disso, viviam fora de campos na Jordânia.

Durante seis meses em 2011, viajei de carro para entrevistar e conviver com o grupo de refugiados reassentados no Brasil, árabes-brasileiros estabelecidos e membros de associações de base que os ajudaram a se estabelecer no país. Ao chegar ao Brasil, cerca de metade desses refugiados havia sido inicialmente reassentada pelas autoridades brasileiras na cidade de Mogi das Cruzes, na região metropolitana de São Paulo, enquanto os demais haviam sido reassentados em algumas cidades do estado do Rio Grande do Sul. A ideia do governo era separá-los em grupos menores e enviá-los para diferentes localidades para facilitar seu “processo de integração”. A Federação Árabe Palestina do Brasil (FEPAL) havia sido convidada pelo governo brasileiro para representar os interesses desses refugiados palestinos e, como sua sede estava localizada em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, muitos refugiados foram enviados para cidades do estado, que contava com famílias palestinas-brasileiras estabelecidas que poderiam, por sua vez, oferecer apoio. Estes refugiados foram assim espalhados em diferentes pequenas cidades, principalmente na região metropolitana de Porto Alegre, para evitar

sobrecarregar a comunidade palestina-brasileira estabelecida em qualquer local. Depois desta separação inicial, o principal motivo pelo qual famílias e indivíduos se espalharam pelo Brasil foi o trabalho. Vale ressaltar que muitos buscaram trabalho na indústria *halāl* brasileira que, na época, era a maior do mundo, principalmente em termos de aves.

Fiquei pouco mais de dois meses em um pequeno hotel em Mogi das Cruzes, de onde saía todos os dias para interagir com os refugiados. Durante esse tempo, eu visitava regularmente meus interlocutores em suas casas por horas, e frequentava estabelecimentos onde muitos deles costumavam se reunir, incluindo um pequeno estacionamento de propriedade de um libanês-brasileiro local e administrado por um dos refugiados. Além de compartilhar refeições, chá e conversar, também os ajudei a cuidar de seus afazeres, o que me deu uma visão sobre suas rotinas e dificuldades diárias. Ajudá-los a adquirir a documentação adequada e administrar sua situação legal no Brasil estava entre essas tarefas. Acompanhei-os às reuniões da Polícia Federal ou de partidos políticos locais aos quais poucos se filiaram, tentei ajudar a revalidar diplomas estrangeiros, negociar aluguéis, mediar disputas entre eles e seus vizinhos, formular e entregar petições, responder a solicitações da mídia e da academia, e mais. Em comparação, meu trabalho de campo no Rio Grande do Sul foi mais marcado por entrevistas informais, para além de algumas cidades, como Sapucaia do Sul e Esteio, que abrigavam um número significativo desses refugiados que, muitas vezes, se reuniam para socializar em uma de suas casas ou lugares públicos. Ao viajar para visitar famílias ou indivíduos que viviam isolados dos demais refugiados em uma determinada cidade, fiquei em hotéis de beira de

estrada e normalmente passava alguns dias visitando-os em suas casas e/ou locais de trabalho. Durante essas visitas, não segui um questionário estruturado, mas segui livremente as questões de pesquisa, prestando mais atenção ao que os próprios refugiados queriam dizer sobre sua situação no Brasil ou sobre sua vida antes de se mudar para o país.

Além do trabalho de campo em Mogi das Cruzes e no Rio Grande do Sul, também passei mais seis meses realizando pesquisas em outras cidades como Florianópolis, Curitiba, e nas cidades satélites de Brasília. Nestas cidades, entrevistei e/ou interagi com outros membros do grupo original de refugiados, famílias locais de migrantes árabes estabelecidos, assistentes sociais, voluntários, ativistas e autoridades que, de uma forma ou de outra, faziam parte do processo de reassentamento dos refugiados. Na capital brasileira, também entrevistei altos funcionários do governo federal – sobretudo do CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados) – que administram o processo. Durante todo o trabalho de campo, utilizei preferencialmente a língua árabe para interagir com os refugiados e o português sempre que estes preferiram utilizar esta língua. Utilizei o português também para interagir com brasileiros, incluindo as autoridades brasileiras.

## **ÁUSTRIA**

Tenho realizado trabalho de campo etnográfico informal entre refugiados árabes na Áustria desde 2013, quando acompanhei, por alguns meses, a situação do “*Protest Camp – Vienna*” (Campo de protesto – Vienna), composto por um grupo de requerentes de asilo que protestava contra a deportação e ativistas que apoiavam sua causa. A

maioria destes requerentes era paquistanesa e marroquina, mas também havia algumas pessoas de outros países, incluindo palestinos que foram deportados ou abandonaram o grupo depois de certo tempo. Quando conheci o grupo, eles estavam hospedados em uma igreja em Viena, de onde foram expulsos. Visitei o grupo de requerentes de asilo e ativistas algumas vezes na igreja, e depois na universidade local onde temporariamente foram alojados após a igreja. Nesse período, acompanhei suas atividades, enfocando as dinâmicas de solidariedade entre migrantes forçados e ativistas de diferentes origens e seus conflitos com o Estado austríaco. Em relação ao tema deste livro, os insights mais importantes que obtive durante esse período foram sobre a relação entre palestinos e outros refugiados árabes e muçulmanos na Áustria, e como a chamada causa palestina foi percebida e mobilizada por refugiados e ativistas.

Meu trabalho de campo oficial (financiado) na Áustria começou em 2015, para a AUSPAL (ver capítulo anterior). O objetivo deste projeto era investigar o encontro austro-palestino em geral, incluindo, mas não limitado a migrantes forçados. Assim, realizei trabalho de campo etnográfico entre: palestinos (refugiados ou não); associações locais e movimentos de base liderados por árabes ou não; ativistas; acadêmicos e instituições acadêmicas; e fóruns públicos como o Kreisky Forum e o VIDC (Instituto de Viena para Relações Internacionais, Diálogo e a Cooperação). Enquanto meu principal método de pesquisa entre árabes e ativistas foi a observação participante, a pesquisa entre acadêmicos foi baseada principalmente em entrevistas e revisão de literatura e arquivos. Além do presente, os tempos de Bruno Kreisky no governo austríaco e na Internacional Socialista mostraram-se importantes

nexos no imaginário tanto de palestinos quanto de ativistas e acadêmicos austríacos. Além da Áustria, esta pesquisa me levou ao Líbano e à Palestina (ver subtítulos Líbano e Palestina desta seção), visto que a maioria dos palestinos na Áustria antes de 2015 veio do Líbano. Na Áustria, por cerca de dezoito meses frequentei a sede e acompanhei as atividades do *Nādy al-Muhājar* (Clube de Imigrantes), BDS, *Dar al-Junub*, entre outros. Esse material diz muito do meu entendimento sobre os refugiados palestinos na Áustria, tendo assim informado significativamente alguns dos capítulos deste livro, em particular aqueles que discutem refugiados árabes na Europa ou desenvolvem a perspectiva do “encontro”.

Enquanto eu fazia o trabalho de campo para a AUSPAL, um grande número de refugiados do conflito sírio chegou à Áustria. Minha experiência como voluntário entre os refugiados aumentou muito meu conhecimento sobre os refugiados árabes na Áustria. Independentemente, fui repetidas vezes às principais estações de trem aonde os migrantes forçados estavam chegando para ajudá-los – sobretudo por meio da tradução. Nesse processo, conheci muitos migrantes forçados árabes, incluindo alguns cujas vidas seguiriam por muitos anos. Estes incluíam sírios e palestinos que fugiam da Síria. Mediei contratos de aluguel, ajudei-os com documentação e outras tarefas, mas, sobretudo, me ofereci para ouvir suas histórias e escrever sobre sua situação. Isso foi basatante útil porque tive contato com muitos migrantes forçados que não estavam envolvidos com ativismo,

---

<sup>4</sup> Não utilizo diacríticos para transcrever os fonemas do idioma árabe porque este termo foi oficialmente utilizado desta forma, no alfabeto latino, pela própria instituição.

cumprindo o que até então era uma relativa fraqueza em minha experiência etnográfica anterior na Áustria.

Além disso, foi logo após o verão de 2015 que participei da fundação da ROR-n (ver capítulo anterior), que proporcionou contato direto com mais migrantes forçados e atores sociais e instituições engajados no trabalho de recepção e “integração”, além de acompanhar de perto o progresso de outras iniciativas de pesquisa sobre refugiados na Áustria, particularmente aquelas ligadas à ROR-n. Ao final do projeto AUSPAL, tornei-me pesquisador do LODA que, na prática, envolveu trabalho de campo entre refugiados árabes (principalmente sírios, palestinos e iraquianos) na Áustria por mais de 12 meses. Esse projeto possibilitou a continuidade da minha observação participante entre refugiados árabes na Áustria e envolveu longas entrevistas semiestruturadas com trinta e dois refugiados, cada uma com duração entre uma e cinco horas, dependendo dos interesses e tempo do meu interlocutor. Além das entrevistas acima mencionadas, realizadas por mim quase que exclusivamente em árabe, também tive acesso a mais de trinta outras transcrições de entrevistas de outra pesquisadora do LODA (Sabine Bauer-Amin), e mais de uma dúzia de entrevistas de especialistas com pessoas-chave envolvidas no trabalho de assistência a refugiados, em algumas das quais também participei como entrevistador. Entre meus próprios entrevistados, vale a pena notar que cerca de 65% deles foram mulheres de meia-idade de diferentes origens religiosas, incluindo um número bastante significativo de mulheres drusas.

Finalmente, desde 2018, venho realizando trabalho de campo para o projeto AUSARAB (ver capítulo anterior), uma expansão do AUSPAL para dar conta do encontro austro-árabe em geral. Além de minhas

próprias entrevistas abertas e observação participante e pesquisa em arquivos históricos, também conto com dados coletados por outros pesquisadores empregados neste projeto. Enquanto concentrei-me principalmente nas dimensões síria, libanesa e palestina do encontro austro-árabe, Sabine Bauer-Amin concentrou-se nas dimensões síria e egípcia, enquanto Amir Murad concentrou-se sobremaneira no Golfo Árabe e nas dimensões sudanesas, e Monika Halkort explorou instituições sociais austríacas históricas. Como foi com o AUSPAL, a pesquisa para este projeto inclui, mas não se limita a refugiados. A pesquisa de Bauer-Amin se assemelha à minha em termos de método, enfatizando a observação participante, mas inclui entrevistas abertas com interlocutores-chave. A pesquisa de Murad tem se concentrado em entrevistas semiestruturadas, desenvolvimento de contatos e na coleta de dados para um mapa, baseada na análise de redes, via caracterização de conexões e desconexões entre os principais atores sociais envolvidos no encontro austro-árabe. A pesquisa de Halkort tem se fundado sobretudo em arquivos históricos e entrevista com servidores das organizações as quais pesquisa. Em minha pesquisa de campo na Áustria utilizei primariamente o idioma árabe, em seguida o inglês, e raramente o alemão.

## **PALESTINA**

Apesar de ter visitado informalmente a Cisjordânia e Jerusalém Oriental várias vezes, apenas uma vez realizei oficialmente trabalho de campo na região: por noventa dias, de outubro a dezembro de 2014, para o AUSPAL, enquanto investigava o encontro austro-palestino. Não entrarei em muitos detalhes sobre meu trabalho de campo nesta região,

pois dados específicos coletados sobre este local de trabalho de campo não foram incluídos de forma significativa nos capítulos deste livro. No entanto, vale a pena mencionar esta experiência de pesquisa aqui porque ajudou a informar meu conhecimento geral sobre a região e sobre os palestinos (incluindo refugiados), principalmente porque, durante esse período, tive acesso a dois campos de refugiados palestinos na Cisjordânia (Dheishe e Kalandia), bem como uma interação significativa com refugiados palestinos de outros campos. Além disso, durante cerca de 40 dias estive hospedado na Hospedaria Austríaca em Jerusalém, onde estudei as dinâmicas de interação entre austríacos e palestinos e o lugar do contexto local historicamente e contemporaneamente em relação ao encontro austro-palestino de forma geral. Durante esse tempo, também pude pesquisar arquivos históricos e formas contemporâneas de leitura da história da relação entre a Áustria e a Palestina. No decorrer de minha pesquisa na Palestina, utilizei primeiramente o idioma árabe e, em segundo lugar, o inglês, sendo que raramente utilizei também o alemão.